



## INFÂNCIAS E PESQUISAS: INSTALAÇÕES EPISTÊMICAS DO FOLCLORE, BRINCADEIRAS E CULTURAS INFANTIS

CHILDHOODS AND RESEARCH: EPISTEMIC INSTALLATIONS OF FOLKLORE, PLAY AND CHILDREN'S CULTURES

Renata Aparecida Carbone Mizusaki<sup>1</sup>

**RESUMO:** O folclore infantil é um campo de estudo fundamental para a compreensão dos modos como as infâncias se constituem. Em razão disso, as peculiaridades nos modos de se construir pesquisas sobre este fenômeno se mostram profícuas na constituição de um arcabouço conceitual/metodológico que pode traduzir a percepção e a participação das crianças na jornada. Os teóricos eleitos para a sustentação deste texto foram Sutton-Smith (1999; 2017); Corsaro (2002; 2005); Brougère (1998; 2010) e Delalande (2011). Ancorado em uma abordagem metodológica qualitativa, do tipo bibliográfica descritiva, este trabalho teve por objetivo apresentar de que modo as pesquisas feitas junto com as crianças podem iluminar a compreensão das manifestações do folclore infantil. A partir dos estudos realizados é possível afirmar que as crianças, podem contribuir na feitura das pesquisas comunicando e alicerçando seus saberes, as linguagens lúdicas que utilizam para criar, produzir e interpretar as culturas e edificar o folclore infantil. Mais do que reproduzoras de saberes, práticas sociais e culturais, as crianças, em suas comunidades brincantes constroem modos coletivos próprios de viver partilhando símbolos, signos e significados singulares à sensibilidade de sua existência

**Palavras-chave:** Folclore Infantil; Culturas Infantis; Culturas lúdicas; Pesquisa com crianças.

**ABSTRACT:** Children's folklore is a fundamental field of study for understanding the ways in which childhoods are constituted. Because of this, the peculiarities in the ways of constructing research on this phenomenon prove to be useful in establishing a conceptual/methodological framework that can translate children's perception and participation in the journey. The theorists chosen to support this text were Sutton-Smith (1999; 2017); Corsaro (2002; 2005); Brougère (1998; 2010) and Delalande (2011). Anchored in a qualitative methodological approach, of the descriptive bibliographic type, this work aimed to present how research carried out with children can illuminate the understanding of manifestations of children's folklore. From the studies carried out, it is possible to affirm that children can contribute to research by communicating and supporting their knowledge, the playful languages they use to create, produce and interpret cultures and build children's folklore. More than reproducing knowledge, social and cultural practices, children, in their playing communities, build their own collective ways of living, sharing symbols, signs and meanings unique to the sensitivity of their existence.

**Keywords:** Children's Folklore; Children's Cultures; Playful cultures; Research with children.

### INTRODUÇÃO

Múltiplas são as crianças e seus modos de criar, narrar, interpretar o mundo ao qual pertencem. E, diversos têm sido os campos de estudo que tem relevado as infâncias e as práticas sociais das crianças enquanto potência e afirmatividade, entre elas, a Sociologia da Infância, a Psicologia da Infância, a Pedagogia da Infância e a

<sup>1</sup> Renata Aparecida Carbone Mizusaki, Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, renatamizusaki@unir.br



Antropologia da Infância. Esses campos de conhecimentos ao amplificarem as vozes infantis e seus saberes, aprofundam e alargam as discussões em diferentes frentes conceituais-metodológicas, colocando-as em perspectiva social, cultural, política, educativa e epistêmica, como produtoras de conhecimentos, saberes, identidades e culturas.

As imbricações infantis na vida, nas brincadeiras, nas interações com as pessoas, em suas relações com objetos, com a natureza, produzem o repertório de suas singularidades, a partir das quais as crianças tecem os fios da herança remissiva de seus ancestrais lúdicos. Entre esses ritos que atravessam o tempo, se situam aqueles em que as crianças criam suas próprias formas de comunicação e signos que partilham na dimensão dos jogos, das brincadeiras, das manifestações folclóricas para designar suas percepções acerca de suas experiências sociais. Essas vivências coletivas ampliam o olhar vivaz com o qual as crianças interpretam as relações entre pares e entre crianças e adultos, as comunicações e as relações estabelecidas para a constituição e manutenção de culturas próprias.

Sarmiento (2008), a partir de Corsaro, compreende que as culturas infantis como os dispositivos culturais elaborados pelas próprias crianças para interpretar e significarem suas experiências e vivências a partir das territorialidades e temporalidades das quais participam, comunicando-as a partir de linguagens próprias. Isto é, as culturas infantis abrigam os saberes, os pensamentos, as produções culturais e práticas sociais específicas das crianças elaboradas em suas relações de pares, que, conforme Corsaro (2002), não é uma reprodução da cultura de adultos, ainda que seja ladeada por ela, mas uma forma particular de construir o mundo em sua socialização com os outros. São comunicadas pela via lúdica, corpórea por meio das brincadeiras que agrupam cirandas de crianças em torno da fantasia, da imaginação e da suspensão da vida ordinária. O folclore, assim como as brincadeiras, se mostra como um rico e valioso repertório cultural marcado pela inovação e adaptações das tradições infantis incorporadas pelas canções, cantigas, rimas, poemas, histórias que revelam traços históricos e sociais que foram construídos e atravessados ao longo dos tempos. Se unem e se imbricam para constituir as identidades das crianças, expressas em seus fazeres cotidianos.

Auscultar as vozes, os dizeres infantis implica reconhecê-las em suas dimensões existenciais, epistêmicas, sociais e culturais, como produtoras, inventoras de vida, de movimento, de presença e de inspiração para o exercício curioso de conhecer a vida. Em razão disso, as pesquisas sobre o folclore infantil realizadas com a participação das crianças são fundamentais na interpretação de práticas, dispositivos, linguagens e signos que somente aqueles que são filiados àquela comunidade podem acessar. São códigos, comunicações, histórias, comportamentos sutilmente construídos ao longo dos tempos e transmitidos às gerações que se sucedem. Nesses enquadres, esta pesquisa buscou apresentar de que modo as pesquisas feitas junto com as crianças podem iluminar a compreensão das manifestações do folclore infantil. Conhecer, investigar e aprender junto com as crianças, as falantes dessas linguagens outras, lúdicas, satíricas, culturais, apresenta-se como abertura e possibilidades de traduzir essas formas particulares de comunicação por meio das quais as crianças expressam suas identidades, seus modos de pertencer e, também, dos recursos de socialização, de integração a essas comunidades.



Isso se reverbera nos modos como instituições formais de educação de crianças podem acolher essas manifestações e práticas sociais infantis de modo situado e humanizado, reconhecendo-as como parte dos fazeres infantis que integram seus cotidianos de modo a criar oportunidades de convívio e de experiências sensivelmente atentas às culturas construídas pelas crianças. De modo mais amplo, as relações entre adultos e crianças podem ser também ressignificadas a partir da reconfiguração das representações acerca da potência deixada pelas crianças a partir de sua presença no mundo do qual é parte.

## **A SEREIA QUE PULAVA CORDA COM AS PRÓPRIAS TRANÇAS: AS LINGUAGENS LÚDICAS, AS CULTURAS E O FOLCLORE INFANTIS**

As crianças em suas interações, brincadeiras, jogos constroem a matéria e a forma de seus repertórios e experiências culturais a partir das quais consolidam sua existência corpórea e social. É por meio destes rituais, desses encontros que ocorrem em um tempo e espaço de suspensão da vida cotidiana que se instalam as linguagens pelas quais as crianças se comunicam e expressam suas formas de traduzir, interpretar e pertencer. Dentre essas linguagens, o jogo aparece como uma forma importante de integração e comunicação infantis.

Para Brougère (1998), por meio da aprendizagem do jogo a criança participa de uma significação cultural partilhada que a introduz em um mundo codificado por características que se definem e sustentam no tempo e espaço deste fenômeno, rompendo-se com a ideia do jogo como naturalizado ou como natural da/na/para a criança. Por isso, o autor afirma que as concepções sobre o que é o jogo se definem a partir de um conjunto complexo de significações e representações culturais e lembra que o jogo tem suas próprias culturas:

[...] o primeiro efeito do jogo não é entrar na cultura de uma forma geral, mas aprender essa cultura particular que é a do jogo. Esquecemo-nos facilmente de que quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar, a controlar um universo simbólico particular (BROUGÈRE, 1998, p. 107).

Esse conjunto de regras, técnicas e significações aprendidas e produzidas no e para o contexto do jogo é definida pelo autor como cultura lúdica. É por meio dessa metalinguagem que atua como referencial na estruturação de jogos e brincadeiras que a interpretação subjetiva dominada pelos brincantes para o início e manutenção dos fenômenos lúdicos é possível. Nas palavras do autor:

A cultura lúdica é, então, composta de um certo número de esquemas que permitem iniciar a brincadeira, já que se trata de produzir uma realidade diferente daquela da vida cotidiana: os verbos no imperfeito, as quadrinhas, os gestos estereotipados do início das brincadeiras compõem assim aquele vocabulário cuja aquisição é indispensável ao jogo (BROUGÈRE, 1998, p. 108).

Essa gramática lúdico-corpórea pavimenta a integração da criança com os símbolos e signos partilhados na comunidade infantil e se amplia por meio de outros dispositivos, dentre eles, o brinquedo.



O brinquedo, enquanto artefato une os brincantes e permite que o brincar se prolongue por meio da fantasia e da imaginação. Atua como elo entre as crianças, a socialização e as representações culturais significadas coletivamente e pode ser reconfigurado de acordo com as necessidades implicadas pela brincadeira. É o olhar criativo, criador e inventivo da criança que, ao manipular o brinquedo, lhe dará suas características e funções, emergidas a partir da experiência lúdica.

O brinquedo, o brincar e a socialização acenam então como instâncias criadoras de experiências culturais, atravessamentos que transcendem e elevam a criança à outras realidades, ao divertimento, a alegria, ao riso. Essa governança infantil da corporeidade, se desdobra então a partir das culturas infantis, acolhedoras das culturas lúdicas.

Delalande (2011) assim define a cultura infantil:

Eu a defino como o conjunto dos conhecimentos e dos comportamentos esperados de uma criança por seus pares para sua aceitação no grupo. A declinação do conceito de cultura, central na antropologia, para designar um saber e as práticas propriamente infantis, permite escapar de uma análise da população infantil apenas como grupo de idade caracterizado pela sua relação de dominação e de educação ante os adultos; trata-se de pensar as crianças na sua alteridade com os adultos e adotar um ponto de vista claramente antropológico. Mas o estudo etnológico restrito ao grupo de crianças não deve ocultar o contexto social e relacional mais amplo no qual evoluem as crianças (DELALANDE, 2011, p. 71).

Esse tempo habitado por crianças produtoras de saberes, identidades, linguagens, expressões, ritos, cerimônias, cultura, brincadeiras, jogos, signos, significados particulares, é reinterpretado, segunda a autora pelas crianças que reivindicam a autoria de seus pensamentos e epistemologias, seu estatuto de viver, a partir de sua historicidade e linguagem.

As culturas infantis são assim um modo de resistência, de potência afirmativa da subjetividade e das identidades infantis, que iluminam, por meio da ludicidade, dos jogos, do folclore infantil e de suas linguagens, o mundo que festejam, que imaginam, longe da tirania e da sobriedade dos adultos, que por vezes, desbotam a cor da imaginação, interditam e fadigam o corpo brincante.

Este pertencimento ativo, colaborativo possibilita a tessitura afirmativa das crianças enquanto seres pertencentes e participativos no mundo que habitam e reforçam as marcas comunais das infâncias.

Entre essas práticas infantis que juntam e integram as crianças em suas culturas infantis, compõem, além das linguagens lúdicas, o folclore infantil, composto, segundo Sutton-Smith (1999), pelas adivinhas, enigmas, charadas, piadas, bilhetes, poemas, zombaria, subversões, cantigas, rimas, jogos, brincadeiras, repertórios de trechos rimados, poesias, pequenas histórias que vão passando de geração em geração, entre outras. Para o autor, o folclore infantil não tem uma única definição e enquanto “disciplina acadêmica, passa por transições” (SUTTON-SMITH, 1999). Em sua leitura, em uma perspectiva mais antiga, a ênfase do folclore infantil recaía sobre as tradições, costumes, histórias, provérbios, mantendo forte ligação com o passado; e, que eram



resgatados sob o temor de seu desaparecimento; por outro lado, em uma perspectiva mais atual, os estudos do folclore estão mais ligados a contextos vivos, particulares e em relação com seu aspecto mais “funcional ou estético” (SUTTON-SMITH, 1999).

O autor ressalta as características particulares do folclore infantil ao destacar os traços infantis de (re)interpretação da realidade por meio da paródia e da adaptação cultural pelas lentes das crianças.

*They capture its conservative organization and attitudes in their mimicry of mothers and monsters, but at the same time they willfully caricature what They thus represent. Both mimicry and mockery are the substance of child play and children's folklore, at least as viewed through spectacles of a rhetoric of fancy. Our rhetoric of children's folklore, then, is that it is a branch of folklore characterized by that dialectical mimicry and mockery, performance and parody, of which children seem to be especially capable, given their adaptively neotonous and sociologically marginal characteristics. (SUTTON-SMITH, 1999, p.7).*

Segundo o autor, como herança cultural infantil, o folclore infantil se mantém também pelas tradições infantis reverberadas oralmente por meio das cantigas, rimas que podem acompanhar brincadeiras como pular corda, ou cantadas como iniciação de um jogo.

Sutton-Smith (2017), ainda nos mostra que o folclore infantil também guarda as manifestações secretas das crianças diante do mundo governado pelos adultos. Segundo o autor, o folclore infantil pode revelar o que ele conceitua como nomeia de “transcrição oculta”<sup>2</sup>, ou seja, as crianças manifestam suas inquietações, seus descontentamentos em suas relações com os adultos por meio das charadas ou piadas, enigmas como forma de subversão e resistência às condições que lhes são impostas em ambientes escolares ou em outros espaços sociais.

Corroborando com as interfaces apresentadas por Sutton-Smith (2017), Zumwalt (1999) ao estudar o folclore infantil com crianças de sete anos de idade e se concentrar na imagem de garotinha ideal expressa em cantigas de pular corda ou cantigas de bater palmas, pôde compreender que a cultura folclórica infantil é mais complexa do que se supõe. A menina ideal que é exaltada por ser obediente, ter um rosto bonito, inocente, submissa como nas canções apresentadas pela autora "Down by the Ocean" e "Ice Cream Soda", também observadas nos relatos das crianças entrevistadas por Zumwalt, é contrastada com a garotinha real em suas vivências cotidianas. Esse hiato entre o ideal e o real indica, segundo a autora, uma tensão cultural e de valores, que pode ser verificada na fala de uma das crianças que afirma “que homens devem abrir a porta do carro para a mulher entrar e depois indica a formação de grupos de libertação das mulheres, o que resultou na criação de um clube durante as brincadeiras desta criança com outra menina com bonecas Barbie” (ZIMWALT, 1999). Para tentar equacionar essa distensão, a autora sugere não uma sobreposição, mas um equilíbrio destas diferentes dimensões que

---

<sup>2</sup> Para Sutton Smith (2017), a transcrição oculta são as falas, as narrativas ou discursos infantis, por meio dos quais as crianças significam de modo crítico e lúdico sua relação com e sobre o mundo adulto que as circundam. É um discurso satírico-lúdico.



impactam a vida das crianças. Outra contribuição importante do trabalho da autora caminha na direção da relação entre conservadorismo e inovação do folclore infantil. Para Zumwalt, o desconhecimento dos adultos dos conteúdos do folclore infantil faz com que haja a percepção de que as crianças não se interessam pelos jogos tradicionais possibilitando que as crianças tenham mais liberdade para criar suas culturas folclóricas e, portanto manterem o conservadorismo e a inovação ao mesmo tempo, pois enquanto encontram liberdade para jogar e fazer adaptações desses jogos às necessidades contemporâneas, elas guardam as tradições e os mistérios dos jogos.

Assim, as crianças, tributárias desses saberes, trazem em suas pequenas mãos, em suas corporeidades a possibilidade de continuidade do folclore. Segundo Silva (2017), sem a seiva lúdica, essa linguagem peculiar que sustenta as culturas infantis deixa de encontrar formas mais complexas, adaptadas e novas incorporações ao arcabouço construído pelas gerações precedentes.

Do folclore das crianças (sobre)viveu, desde sempre, uma boa parte da cultura infantil e, dentro desta, a sua vastíssima componente lúdica, num processo moroso, elaborado, construído paulatinamente ao longo de toda a infância e feito de trocas recíprocas e continuadas, onde, em bandos à rédea solta, os mais velhos passavam aos mais novos o essencial dos apetrechos indispensáveis para o desabrochar da arte de brincar; *locus* onde, também, com a sabedoria dos seus rituais, domínios das técnicas lúdicas e adestramento do corpo, se solta e configura [...] (SILVA, 2017, p. 30).

Como afirma Silva (2017), podemos perceber uma relação intrincada entre o folclore infantil, as culturas infantis e o brincar, por isso as palavras de Château (1987), nos servem bem por nos lembrar que é pela aprendizagem com os irmãos e com os mais velhos que as crianças acessam o brincar, possibilitando que essa tríade se mantenha viva.

Essas singularidades, linguagens que se imbricam são partilhadas por membros que se comunicam a partir dos mesmos signos e se organizam a partir de estruturas que guardam características peculiares. Para compreender essas tessituras é necessário que as próprias crianças comuniquem e partilhem os meandros que engendram esses saberes labirínticos. Em razão disso, a pesquisa feita “junto com” (MAFFESOLI, 2011) pode ser um campo profícuo para a compreensão de como o folclore infantil se organiza e se sustenta.

## O FOLCLORE INFANTIL E OS OFÍCIOS DE APRENDER A PESQUISA COM CRIANÇAS

O ofício de construir a pesquisa científica é uma jornada artesanal, se faz com vagar, com os sentidos aguçados, olhar atento, espreito às pistas, aos detalhes entalhados nas imbricações que se entrelaçam em torno do objeto de análise, de estudo.

O pesquisar com crianças, além da rigorosidade exigida pelo labor acadêmico, traz singularidades que nos fazem refletir sobre o próprio rastrear de tecer o fio que conduz ao que elas compartilham no cotidiano com o/a pesquisador/a.



Para Maffesoli (2011), a pesquisa deve descrever o que foi elaborado, sem julgamento moral, o que foi visto, na perspectiva de quem se investiga, nos traços autorais daqueles/as que se permitem observar, narrar. Por esta razão, a escuta é tão importante, no entanto, não se trata de uma escuta banalizada, mas de uma escuta aninhada na vida social, (extra)ordinária, por meios flexíveis, que aglutinem os mais silenciosos dos discursos até os elementos mais visíveis e ruidosos. É auscultada na sutileza vertiginosamente “aiônica” (KOHAN, 2008), dessa tapeçaria do tempo infantil, que se faz em amizade àqueles/as que partilham os mesmos espaços, as mesmas janelas, as mesmas paisagens, que podemos compreender a potência das vozes das crianças, suas culturas, seu folclore e sua identidade.

Corsaro (2005) ao se reportar às pesquisas com crianças, alerta-nos acerca da importância dos momentos iniciais do/a pesquisador/a em seu campo de estudos, em pesquisas que se utilizam da etnografia como abordagem metodológica. É um momento fundamental que pode implicar em etapas posteriores dos registros e participação das crianças.

Para Ferreira (2010), a pesquisa com crianças exige dos/as adultos pesquisadores/as uma revisão epistemológica, metodológica e ética para que seja possível a compreensão dos processos constituintes das dinâmicas e lógicas que operam no interior das comunidades infantis e que produzem suas relações, individuais e coletivas, suas culturas e saberes. Do ponto de vista conceitual, conforme a autora, a ênfase recai sobre a revisão do olhar histórico com o qual a criança foi marginalizada e silenciada para uma perspectiva de amplificar sua voz, sua singularidade de interpretar e simbolizar suas práticas bem como as relações socioculturais cotidianas das quais participa, diferenciando e articulando suas próprias culturas às culturas do mundo adulto. A autora nos esclarece, ainda, acerca da indissociabilidade entre as crianças e as infâncias, ressaltando que se trata, antes de tudo, de uma “ruptura epistemológica” calcada pela Sociologia da Infância, que integra os saberes e as noções elaborados pelas crianças sobre a cultura e as práticas sociais e que significam os seus modos de agir e de pertencer ao mundo.

Isto significa entender a infância, simultaneamente, como uma categoria socio-histórica geracional, como uma estrutura geracional e como um espaço social dentro do qual as crianças, enquanto actores individuais e colectivos empenhados em agir nos seus mundos de vida se constituem activamente como crianças. (FERREIRA, 2010, p.155).

Segundo a autora, isso traz implicações, também, do ponto de vista da metodologia de pesquisa com crianças, uma vez que as pesquisas que compreendem as crianças como “atores sociais” (FERREIRA, 2010) acolhem os saberes infantis e as formas de interações das crianças, o que exige a adequação dos métodos de pesquisa às “experiências das crianças, os seus interesses, valores e rotinas quotidianas” (FERREIRA, 2010, p. 155).

Nessa mesma direção, Sutton Smith (1999) esclarece-nos que as pesquisas com crianças acerca do folclore infantil também devem ter em mente que este fenômeno cultural é endereçado às crianças e, portanto, as definições de infâncias e suas relações



com as brincadeiras e jogos afetam sua compreensão. Este é um ponto central nas pesquisas sobre o folclore infantil pois impacta ainda, conforme o autor, na perspectiva metodológica adotada ou nos recortes do objeto de pesquisa.

Children's folklore is not easy to define. Folklore itself as a scholarly discipline is in a process of transition. In earlier definitions, attention was given predominantly to traditional stories, dances, proverbs, riddles, poetry, material culture, and customs, passed on orally from generation to generation. The emphasis was upon recording the "survivals" of an earlier way of life, believed to be fading away.[...] Today's definitions, by contrast, place more emphasis on the living character of these customs in peoples, whether tribal, ancient, ethnic, or modern. Folklorists today are more concerned with the actual living performance of these traditional materials (dance, song, tale) in their particular settings, with their functional or aesthetic character in particular contexts. (SUTTON-SMITH, 1999, p. 3).

Assim, o autor nos ensina que os estudos sobre o folclore infantil vão carregar as marcas culturais e históricas bem como os traços das retóricas acadêmicas a que se afiliam.

Grider (1999) contribui com essa discussão ao traçar uma linha histórica dos estudos sobre o folclore infantil. Segundo a autora, a maior parte dos estudiosos afirma que os estudos mais importantes sobre o folclore infantil datam do século XIX, com duas “coleções de jogos infantis” (GRIDER, 1999), uma inglesa construída por Lady Alice Bertha Gomme sobre rimas e melodias, a partir de memórias dos adultos; e a coleção de William Wells Newell, sobre “jogos e canções da criança da América” (GRIDER, 1999, p. 11) que, segundo a autora, ouviu os adultos, mas também observou e entrevistou crianças. Entretanto, de acordo com Grider há outros estudos precedentes que abordaram rimas, contos, histórias e lendas infantis e que, com a primeira guerra mundial a diversidade de temas aumentou.

Carvalho e Gouvea (2020), complementam essa análise ao destacarem os trabalhos em folclore infantil através das expressões infantis, de Alexander Chamberlain em 1896. Ressaltam, também, as importantes mudanças teórico-metodológicas ocorridas no século XX, neste campo, passando de um viés analítico evolucionista para um olhar sobre as culturas folclóricas a partir das observações das crianças.

Para Grider (1999), a grande mudança ocorreu, nesse século, em 1950 com os Oppies que, inspirados por Dorothy Howard, passaram a realizar seus estudos sobre rimas, zombarias, piadas superstições diretamente com as crianças e não coletando memórias dos adultos, tornando-se referência até os dias atuais em folclore infantil. Finalmente, a autora dá destaque a outros pesquisadores como Sutton-Smith e seus estudos sobre brincadeiras e jogos; e, mais recentemente Barbara Kirshenblatt-Gimblett com seus estudos sobre linguagem verbal e folclore, demonstrando o quão ricos e múltiplos são os estudos sobre o folclore infantil, apesar de seu limiar com a “trivialidade”, segundo algumas perspectivas (GRIDER, 1999).

Refletindo essas múltiplas possibilidades de estudos, Beresin (1999) apresenta-nos um pesquisa realizada com meninas de terceira a quinta séries em suas brincadeiras



com cordas, o salto duplo holandês<sup>3</sup>, em uma escola, caracterizada pela autora como pública, urbana e multiétnica, na Pensilvânia por meio da gravação em vídeo, através de um câmera instalada no segundo andar da escola, voltada para o pátio. Para a autora, este é um recurso metodológico importante pois permite ver, ouvir, perceber falas, movimentos, pausas, entonações, ênfases, mesmo depois dos momentos capturados e, além disso, possibilita aos colaboradores da pesquisa reverem as gravações, se ouvirem mais uma vez e dizer suas impressões acerca do que veem.

The very field of children's folklore expands before us, and it has the potential to become the study of children's cultures and folklife, in all its richness and complexity. (BERESIN, 1999, p. 77).

Assim como Corsaro (2005), Beresin atribuiu especial atenção aos primeiros momentos na escola, iniciando os registros etnográficos em diário de campo apenas ter estabelecido relação de confiança com os membros da escola. Além disso, segundo a autora, foram feitas entrevistas em pequenos grupos com as crianças e gravações de microfilmagens em *close up*; as gravações eram compartilhadas com as crianças e funcionários da escola que emitiam seus comentários após assistirem às filmagens das câmeras.

A autora identificou por meio de sua pesquisa, que este jogo é uma tradição percebida entre as meninas afro-americanas e que jogos de pular corda duplo holandês acompanhados de canções são pouco presentes na literatura do folclore infantil. Encontrou, por meio dos vídeos, linguagens específicas do jogo, instruções e elementos externos determinantes para sua continuidade ou não, como o sinal do recreio. As reações dos funcionários ao verem as imagens foi, de acordo com a autora, de saudosismo e para as crianças uma oportunidade de se sentirem felizes e orgulhosas ou ainda de analisarem seus próprios percursos de aprendizagem dos jogos e desempenho ao longo do tempo. Finalmente, Beresin aponta que as pesquisas folclóricas devem se atentar aos contextos e suas características locais, às sutilezas que são aparentes somente com um longo período de pesquisa, que de outra forma pode trazer uma visão distorcida ou superficial do objeto de estudo.

Em outro estudo, Hughes (1999) ilustra a partir de seu estudo realizado com meninas, por meio de jogo com bola, o *foursquare*, como as regras estabelecidas para o convívio no contexto social são tão importantes quanto as regras do jogo, criadas para estabelecer critérios e limites para o seu funcionamento. A autora identificou que o sentimento de pertença ao grupo fez com que algumas regras pudessem ser compreendidas de formas diferentes, a depender do contexto; o que esteve em análise para as jogadoras foi a expectativa social estabelecida entre os membros de um grupo de modo que a responsabilidade para com o grupo se tornara, por vezes maior do que a necessidade de ser literal à regra. Na perspectiva da autora havia um jogo intrínseco ao grupo dentro do próprio jogo, uma linguagem acessível somente aos falantes desses códigos, modulando a adaptação, o julgamento e a motivação diante das regras.

---

<sup>3</sup> Este é um jogo de pular cordas duplas, batidas por dois batedores, um em cada ponta, de modo que as cordas se cruzam enquanto um jogador salta e canta uma música específica, ao mesmo tempo.



A autora assim sintetiza:

There is nothing about games per se that dictates players' attitudes toward events, whether they are to be understood as fun or serious, competitive or cooperative, work or play, "nice" or "mean," fair or unfair. This is a matter of framing, not the frame. (HUGHES, 1999, p. 109-110).

O estudo de Hughes nos orienta assim para a necessidade de compreender o jogo jogado por dentro e não apenas em sua superficialidade ou orientação formal. A autora enfatiza a importância de estar ao lado das crianças no processo de pesquisar o folclore infantil e suas manifestações, observando e conversando com as crianças para compreender seus códigos, suas intenções, expectativas sociais e identitárias. Outra consideração importante, do ponto de vista metodológico, apontado pelo estudo se refere ao modo como a autora realizou as entrevistas com as meninas, sempre em grupos e com a intenção de promover o debate para compreender aspectos coletivos, mas igualmente, as dimensões pessoais das jogadoras. Além disso, as entrevistas eram realizadas com membros de um mesmo grupo e com variações de grupos para que as diferentes dimensões do jogo pudessem ser confrontadas e compreendidas, ora enfatizando questões mais amplas, ora se referindo especificamente às questões das regras.

O trabalho de Fine (1999), nos traz questões outras metodológicas importantes que abrangem os desafios da pesquisa sobre o folclore infantil. Ao suscitar a necessidade de pesquisas que adotem métodos diferentes em um mesmo estudo, o autor coloca em evidência as dimensões éticas que devem ser asseguradas no estudo, como a garantia da integridade física dos/as participantes; o consentimento informando sobre sua participação na investigação e a postura ética do/a pesquisador/a para com o/a colaborador/a no estudo<sup>4</sup>.

Para Fine, o papel escolhido pelo pesquisador/a<sup>5</sup> pode favorecer como também pode influenciar o desenvolvimento da investigação e seus resultados, em razão disso, a preocupação com a qualidade da relação entre pesquisador/a e colaboradores/as e a confiança devem ser assegurados. Outra contribuição importante de Fine se encaminha para a propositura das crianças atuarem como pesquisadoras do folclore infantil. Como exemplo de pesquisa desta natureza ele cita os livros editados por Eliot Wigginton que continham histórias coletadas por estudantes do ensino médio na Geórgia. Outra possibilidade apontada pelo autor é a de que estudantes entrevistem seus pares com a intenção de colherem histórias, já que estariam em vantagem pela proximidade pessoal.

Todos estes estudos clarificam, em termos conceituais-metodológicos, questões fundamentais sobre o pesquisar o folclore infantil com a participação das crianças. Por

---

<sup>4</sup> No Brasil, temos o Comitê de Ética na Pesquisa que regula e acompanha os procedimentos de pesquisas realizadas com seres humanos, e à semelhança do que preconiza Fine, também mantém como escopo de preocupações a garantia da integridade física e moral dos participantes, que concordam, por meio de termo de consentimento, e de assentimento para as crianças, em atuarem como voluntários nas pesquisas sendo a eles/as facultado o direito de se desvincularem do estudo a qualquer tempo.

<sup>5</sup> Fine aponta, entre outros, o papel de amigo, de líder, de observador.



diferentes meios e técnicas, os/as estudiosos/as do folclore infantil tornam profícua a relação com os saberes e os conhecimentos das crianças, relevando a importância de estarem em companhia das crianças, ouvindo-as atentamente e integrando-as ao fazer pesquisa de modo que suas culturas sejam percebidas em sua originalidade e potência.

### **PALAVRAS DE TERMINAR E DE LUMIAR OUTROS COMEÇOS...**

Há uma relação cíclica entre a cultura infantil, a cultura lúdica e o folclore infantil. De acordo com Delalande (2011), a cultura infantil é calcada em uma interpretação particular do mundo pelas crianças a partir das relações construídas em contextos sociais mais amplos situados do ponto de vista econômico, cultural, político, em que as crianças reelaboram os sentidos, os significados tecidos a partir de suas relações com os adultos e com seus pares por meio das quais constroem seus saberes e suas formas próprias de culturas e linguagens. Entre essas linguagens, as brincadeiras e os jogos circundados pela cultura lúdica expressam as criações, as imagens, as representações, a sensibilidade, as técnicas e os dispositivos brincantes que as crianças dispõem para executar o que a fantasia constrói enquanto repertório de atuação. E, o folclore infantil como rito que guarda as tradições das crianças compõe e renova o cenário de atuação das crianças por meio de resistências, marcas particulares e lúdicas.

Essas densas camadas comunicativas e enunciativas aparecem articuladas mostrando como a complexidade do universo infantil pode nos ensinar a criar outras formas de diálogo com as crianças para melhor compreender suas interpretações sobre o mundo em que vivem e as relações que com ele tecem.

As pesquisas com crianças sobre o folclore infantil se mostram profícuas e pertinentes nessa direção uma vez que podem traduzir os saberes, as tradições desse grupo, elaboradas, especialmente, por meio do folclore infantil. Para tanto é preciso uma escuta atenta e uma confiança efetiva entre pesquisador/a e crianças; os cuidados éticos e metodológicos apresentados pelos estudos descritos demonstram que é possível que as crianças acolham adultos-investigadores/as e com eles/as partilhem seus saberes e, também que as próprias crianças se tornem parceiras investigativas do folclore e sua vasta gama de elementos. As aprendizagens que daí emergirão podem sustentar relações mais sensíveis e compreensivas. Ademais, conhecer a fundo as particularidades das formas de agrupamentos, os signos, comportamentos lúdicos exigem uma imersão metodológica que, como bem esclareceu Fine (1999), articule diferentes métodos e técnicas de pesquisa.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERESIN, Ann Richman. Double dutch and double cameras: Studying the transmission of culture in an urban school yard. In: SUTTON-SMITH, Brian; MECHLING, Jay; JOHNSON, Thomas W.; McMAHON, Felícia. (Orgs.). **Children's Folklore: A source book**. Logan, Utah: Utah State University Press, 1999, p. 75-92. Disponível em: [https://www.academia.edu/64982275/Childrens\\_Folklore](https://www.academia.edu/64982275/Childrens_Folklore)

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica**. Revista Fac. Ed. São Paulo, v. 24,



n. 2, jul/dez 1998, p. 103-116. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59630/62727>. Acesso em 29/12/2023.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2010.

CARVALHO, Cibele Noronha de; GOUVEA, Maria Cristian Soares de. “Palavrão é o que não tem no corpo de Deus”: Um estudo do obsceno infantil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e220704, 2020. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/edur/a/GNcMNkFdczHjJxRzwL6ctBK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12/09/2023.

CHÂTEAU, Jean. **O jogo e a criança**. (Tradução Guido de Almeida). São Paulo: Summus, 1987.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 17, 2002, p. 113-134.

CORSARO, William A. A entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a08v2691>. Acesso em 06/01/2020.

DELALANDE, Julie. As crianças na escola: pesquisas antropológicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias. (Orgs.) **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas/SP: Autores Associados, 2011, p. 61-80.

FERREIRA, Manuela. “-Ela é a nossa prisioneira!” – Questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 151-182, jul/dez 2010.

FINE, Gary Alan. Methodological problems of collecting folklore from children. In: SUTTON-SMITH, Brian; MECHLING, Jay; JOHNSON, Thomas W.; McMAHON, Felícia. (Orgs.) **Children’s Folklore: A source book**. Logan, Utah: Utah State University Press, 1999, p. 121-140. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/64982275/Childrens\\_Folklore](https://www.academia.edu/64982275/Childrens_Folklore)

GRIDER, Sylvia Ann. Who are the folklorists of childhood? In: SUTTON-SMITH, Brian; MECHLING, Jay; JOHNSON, Thomas W.; McMAHON, Felícia. (Orgs.) **Children’s Folklore: A source book**. Logan, Utah: Utah State University Press, 1999, p. 11-18. Disponível em: [https://www.academia.edu/64982275/Childrens\\_Folklore](https://www.academia.edu/64982275/Childrens_Folklore)

HUGHES, Linda A. Children's games and gaming. In: SUTTON-SMITH, Brian; MECHLING, Jay; JOHNSON, Thomas W.; McMAHON, Felícia. (Orgs.) **Children’s Folklore: A source book**. Logan, Utah: Utah State University Press, 1999, p.93-120. Disponível em: [https://www.academia.edu/64982275/Childrens\\_Folklore](https://www.academia.edu/64982275/Childrens_Folklore)

KOHAN, W. Infância e Filosofia. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M.C.S. **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis. Vozes, 2008, p. 40-61.  
SILVA, A. N. Brincar e aprender. Aprender a brincar. In: SARMENTO, T; FERREIRA, F. I; MADEIRA, R. (Orgs.) **Brincar e Aprender na Infância**. Porto:



Porto Editora, 2017, p. 11-38.

MAFFESOLI, Michel; ICLE, Gilberto. Pesquisa como conhecimento compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 521-532, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/20637/12917>. Acesso em 03/12/2019.

SARMENTO, M. J. Sociologia das Infâncias: Correntes e Confluências. In: SARMENTO, M.J.; GOUVEA, M.C.S. de. **Estudos das Infâncias: Educação e Práticas Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-39.

SILVA, Alberto Nídio. Brincar e aprender. Aprender a brincar. In: SARMENTO, Teresa; FERREIRA, Fernando Ilídio; MADEIRA, Rosa (Orgs.). **Brincar e Aprender na Infância**. Porto: Porto Editora, 2017, p. 11-38.

SUTTON-SMITH, Brian; MECHLING, Jay; JOHNSON, Thomas W.; McMAHON, Felícia. (Orgs.). **Children's Folklore: A source book**. Logan, Utah: Utah State University Press, 1999. Disponível em: [https://www.academia.edu/64982275/Childrens\\_Folklore](https://www.academia.edu/64982275/Childrens_Folklore)

SUTTON-SMITH, Brian. What is children folklore? In: SUTTON-SMITH, Brian; MECHLING, Jay; JOHNSON, Thomas W.; McMAHON, Felícia. (Orgs.). **Children's Folklore: A source book**. Logan, Utah: Utah State University Press, 1999, p. 3-9. Disponível em: [https://www.academia.edu/64982275/Childrens\\_Folklore](https://www.academia.edu/64982275/Childrens_Folklore)

SUTTON-SMITH, Brian. **A ambiguidade da brincadeira**. (Tradução Vera Joscelyne). Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.

ZUMWALT, Rosemary Levy. The complexity of children's folklore. In: SUTTON-SMITH, Brian; MECHLING, Jay; JOHNSON, Thomas W.; McMAHON, Felícia. (Orgs.). **Children's Folklore: A source book**. Logan, Utah: Utah State University Press, 1999, p. 23-48. Disponível em: <https://www.academia>